

Sen. José Sarney

QUARTA-FEIRA — 7 DE DEZEMBRO DE 1977

ESTADO DE MARANHÃO

# Sarney é quase consenso no MA

**Das sucursais e do  
correspondente**

A indicação do atual vice-líder do governo no Senado, José Sarney, para governar o Maranhão a partir de 79 é encarada como "provável" ou pelo menos "possível" pela maioria dos políticos maranhenses, porém há um descrédito geral de que ela possa significar uma "ampla composição" na Arena regional, como seria a intenção do presidente Geisel e seu provável sucessor, o general Figueiredo. Enquanto isso, em Porto Alegre, o vice-líder do governo na Assembléia gaúcha, Rubi Diehl, considerou "um balão de ensaio" a informação de que já estão definidos alguns dos futuros governadores. Já em Minas Gerais, a notícia de que o general Figueiredo, na condição de futuro presidente, estaria cogitando da formação de sua equipe de auxiliares causou perplexidade nos meios políticos.

Conforme o atual quadro político do Maranhão, alguns acreditam que Sarney deverá indicar o próximo governador mas não terá condições de ocupar diretamente o Palácio dos Leões, disputando então a reeleição ao Senado pela vaga direta e, em seguida, para uma vaga no novo ministério. Para os partidários do governador Nunes Freire é difícil que o Planalto conceda uma vitória total a Sarney, que hoje conta com o apoio de somente cinco deputados, contra 22 da facção "nunista". Mesmo depois da morte do ex-senador Vitorino Freire, cuja amizade com os irmãos Geisel era um obstáculo para Sarney, argumentam que a coesão do grupo governista se manteve e ainda há o apoio influente do presidente do INCRA, Lourenço Vieira da Silva, que tem pretensões à sucessão de Nunes Freire.

Já os deputados ligados a Sarney consideram de pouca importância se será ele o escolhido, contanto que saia do grupo do governador. Os "nunistas", por sua vez, temem as perseguições que acreditam serão desencadeadas por Sarney caso assumo o governo e, principalmente, por alguns de seus aliados mais implacáveis, como o senador Alexandre Costa.

Há também a convicção generalizada de que foi Sarney quem conseguiu acionar a Justiça e a Polícia Federal para que fosse preso, na semana passada, um assessor de Nunes Freire, cujo processo de estelionato estava "engavetado" no Judiciário de São Paulo. "Se isso acontece agora — comentam os partidários de Nunes —, o que não sucederá se Sarney for governador?"

Nos últimos meses surgiram

sinais do crescente prestígio de Sarney junto ao Planalto, do qual tem sido um fiel porta-voz, mesmo às custas da imagem liberal que trouxe de sua atuação no ex-UDN. Soube interpretar corretamente a correlação de forças entre os generais Figueiredo e Frota, e desde cedo engajou-se na candidatura do primeiro, enquanto o deputado federal Eurico Ribeiro — tido como o mais hábil dos articuladores em Brasília — demonstrava preferência pelo ex-ministro do Exército.

O vice-líder tem a seu favor também um grande prestígio eleitoral no Maranhão e a reputação de "modernizador", enquanto Nunes é constantemente denunciado por corrupção, sem apresentar resposta convincente.

## "BALÃO DE ENSAIO"

O vice-líder da Arena gaúcha, deputado Rubi Diehl, por sua vez, considerou um "balão de ensaio" e um "desafio" às lideranças partidárias a notícia da definição dos nomes de alguns governadores. "Em consequência — afirmou — ou o partido não as desmente porque pactua com a sondagem, ou realmente as manipulações ocorrerem à revelia dele."

O parlamentar, que divulgou nota sobre o assunto, observou que esse tipo de escolha conflitaria com os anseios dos filiados à Arena, "que querem participar e, mais do que isso, devem decidir através de convenção partidária, pelo voto dos delegados de todos os municípios".

Por outro lado, os meios políticos mineiros receberam a informação de que Figueiredo já estaria cogitando da formação de sua equipe auxiliar direta com a mesma perplexidade da anteriormente divulgada, de que o chefe do SNI teria escolhido, pelo menos, os futuros governadores de quatro Estados.

Todavia, o arenista Sylo Costa advertiu que se realmente "há fundamento nesse noticiário, ele me parece omissivo porque o futuro governo da República, qualquer que seja o seu governante, não poderá prescindir da colaboração do governador Aureliano Chaves para ocupar um ministério, seja o da Indústria e Comércio seja o das Minas e Energia".

Quanto aos nomes veiculados, Sylo Costa não poupou críticas, dizendo que "na política brasileira é muito comum confundir-se pasta da Fazenda com pasto da fazenda", referindo-se à informação de que o embaixador Delfim Netto iria ocupar, no governo Figueiredo, um superministério da Agricultura.